



"O Baurú" (1906-1928): um exemplo de Jornalismo Interiorano Paulista no Início do Século XX¹

Mariana Ribeiro²
Célio José Losnak³
UNESP-FAAC, Bauru, SP

RESUMO⁴

O início do século XX é marcado pela consolidação da República e crescimento urbano e político do estado de São Paulo. Nesse contexto, a imprensa tem papel fundamental na legitimação das mudanças culturais e políticas pelas quais passava o país. O trabalho tem como objetivo analisar alguns aspectos da imprensa na Primeira República, focado no jornal *O Baurú*, publicado na cidade de Bauru no período de 1906 a 1928. Observando as características dessa imprensa incipiente e amadora, pretende-se identificar as transformações do jornal durante sua existência e as relações com a grande imprensa brasileira produzida na época, analisando as características técnicas e a abordagem que o veículo faz sobre a cidade, a sociedade local e suas articulações políticas.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa, jornalismo, cidade, história

Imprensa em São Paulo

A imprensa participa intensamente da História do Brasil apenas a partir do século XIX. O primeiro jornal de que se tem conhecimento no país foi impresso na Holanda e chegou a Pernambuco em 1647. Isso não significou, no entanto, o início efetivo da imprensa no país. A partir daí foram realizadas diversas tentativas de desenvolvimento de tipografias e publicações de periódicos no país, mas com pouco sucesso devido ao forte controle da informação praticado pelo governo metropolitano.

Podemos começar a falar sobre uma imprensa local, realmente feita no país, a partir da chegada da Corte Portuguesa no Brasil, em 1808. (SCHWARCZ, 2000). Dom João VI instalou a Imprensa Régia no país, publicação bissemanária que funcionava como órgão oficial do governo, ou seja, completamente sujeito às censuras da Corte portuguesa.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 - Jornalismo do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante de graduação em Comunicação Social – Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Unesp. Bolsista Fapesp de Iniciação Científica. Email: marianaribeiro.mr@gmail.com

³ Professor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP-Bauru e orientador da pesquisa. Email: losnak@faac.unesp.br.

⁴ Este texto é resultado de uma pesquisa de Iniciação Científica em andamento e financiada pela FAPESP.



Apesar do avanço, o fato de ser controlada pelo Governo dificultou o desenvolvimento independente e de seu papel social com a população. Em termos técnicos, a atividade continuou a ser desenvolvida de forma amadora. Sodré (2005) afirma que até o início do século XX predominavam as produções artesanais na imprensa. A atividade era muito pouco profissionalizada, já que os recursos técnicos e financeiros eram escassos, as condições de produção precárias e ainda não havia um saber profissional que começaria a se formar no decorrer da primeira metade do século XX. A maior parte dos jornais continha poucas páginas, eram de pequena tiragem e de sobrevivência efêmera.

O final do século XIX e início do século XX foram fundamentais para o desenvolvimento do jornalismo no Brasil. Com o desenvolvimento do capitalismo a atividade foi se profissionalizando e as inovações tecnológicas permitiram o aumento da tiragem e a melhoria da qualidade técnica dos periódicos. Houve a disseminação da imprensa das principais capitais para o interior do país. Em muitas das cidades, no entanto, a produção ainda era feita com dificuldades.

Entre os grandes problemas enfrentados pela imprensa incipiente no Brasil estavam a falta de delimitação de um estilo próprio da atividade, de parâmetros de trabalho, linguagem própria e critério noticioso. Costa (2005) mostra que até o início do século XX a atividade jornalística estava fortemente atrelada à literatura, já que aqueles que dominavam a linguagem escrita e trabalhavam na área literária foram os primeiros a se aventurar no ramo jornalístico. Muitos desses literatos/jornalistas possibilitaram o desenvolvimento da atividade no país, já que tinham conhecimento e afinidade com a língua. Outros, no entanto, acreditavam que esse duplo trabalho trazia problemas no sentido de separação e caracterização das duas áreas.

Costa aponta que a maioria desses jornalistas não tinha o hábito de sair da redação e ir às ruas para elaborar seus textos, portanto, essas publicações tinham um caráter muito mais opinativo que de apuração e de informação. Essa relação entre jornalismo e literatura, portanto, ao mesmo tempo em que permitiu o desenvolvimento do jornalismo, dificultou a caracterização do estilo próprio jornalístico como área de atuação. Para muitos literatos o jornalismo era visto como uma atividade menor, sem a natureza artística, e os que se dedicavam às duas atividades estariam vendendo suas habilidades, apesar de funcionar como uma importante fonte de renda para os escritores.

Ao longo do século XX o jornalismo foi se consolidando como atividade independente. Dessa forma, as notícias passaram a ser mais diretas, objetivas e



informativas, se afastando da literatura. Medina (1988) aponta para a importância de João do Rio no processo de transformação da imprensa ocorrida nesse período. Ele foi um dos primeiros repórteres a enfatizar a coleta de informações nas ruas para a apuração das notícias. Lage (2001) afirma que o texto jornalístico foi caracterizado por elementos da linguagem oral e da gramática popular, criando figuras mais próximas e sedutoras para o leitor. A simplificação da mensagem, segundo ele, foi responsável pelo aumento do potencial informativo das notícias. Gradativamente o jornal começa a exigir reportagens e entrevistas e priorizar a objetividade e abandono do supérfluo, características já ligados ao jornalismo moderno.

Em São Paulo a imprensa demorou ainda mais para se desenvolver. Até meados do século XIX, a cidade não passava de uma vila, pouco urbanizada e com uma pequena população. O desenvolvimento da imprensa só foi representativo após a proclamação da República, antes disso a oralidade norteava a transmissão dos acontecimentos entre a população.

Com a chegada dos imigrantes e o desenvolvimento do comércio cafeeiro a cidade teve um boom de crescimento, que mudou sua estruturação física e a mentalidade social. Cruz (2000) realiza um estudo sobre o desenvolvimento da imprensa no início do século XX e analisa a relação entre a imprensa incipiente e a disseminação da cultura letrada entre as camadas mais populares da cidade. Ela observa que até o momento a restrição do conhecimento escrito às elites não permitia o desenvolvimento de uma atividade letrada de alcance massivo, como a imprensa.

A penetração da cultura letrada nas camadas mais populares do Brasil se deu tardiamente em relação a outros lugares da América do Sul. Em parte porque no Brasil a estrutura escravagista, católica e latifundiária do país não permitia que o conhecimento deixasse o eixo de poder da sociedade. E é apenas no final do século XIX, quando o país passa por mudanças políticas, sociais e econômicas, como a Proclamação da República, fim da escravidão, chegada de estrangeiros e crescimento urbana, que a cultura letrada começa se popularizar.

Com o crescimento da cidade a escrita vai gradativamente sendo incorporada e se tornando necessária nas atividades diárias. Começam a surgir ofícios ligados à escrita, como o trabalho em tipografias e lojas de artigos de papelaria. Dessa maneira, ao longo do tempo, o número de cidadãos alfabetizados cresce e se criaram as bases para o desenvolvimento de uma atividade letrada. Vários outros fatores também favoreceram o desenvolvimento da imprensa periódica em São Paulo. Entre eles, os de ordem



tecnológica foram fundamentais, como o aumento das linhas férreas e regularização dos correios, por exemplo.

Nesse contexto a imprensa ganha espaço. Apesar de incipiente, com poucos recursos técnicos e padrões de trabalho, o jornalismo passou a ter uma função social importante, pois buscou representar as classes recentemente absorvidas pela cultura escrita. Por ter um custo muito menor que o livro, logo se popularizou. Cruz (2000) aponta que os Almanques semanais representam o “primeiro esforço sistemático de ampliação dos círculos de difusão da cultura impressa”. Essas publicações foram extremamente diversificadas e trouxeram diversas inovações para o jornalismo brasileiro. Por terem um conteúdo leve e descontraído, os almanques tornaram-se responsáveis por grandes inovações de gêneros, que seriam, posteriormente, absorvidos pelas folhas literárias, como os retratos biográficos e programação cultural, por exemplo.

Nas primeiras décadas do século XX percebe-se uma tentativa sutil de profissionalização da imprensa, como a tentativa de aquisição de uma linguagem própria e seleção de conteúdos, começam a surgir, então, as grandes publicações, como o Estado de São Paulo, por exemplo. Gradativamente a publicidade vai sendo incorporada aos jornais, primeiro separada no conteúdo jornalístico, depois cada vez mais mesclada ao noticiário. O mercado vai aos poucos adentrado o universo da imprensa e influenciando em suas publicações.

Concomitantemente surgem também os pequenos jornais, para dar voz às parcelas da população que perderam espaço com a transição dos espaços jornalísticos para as grandes empresas. É o caso, por exemplo, dos jornais de bairro que não tinham conteúdo necessariamente político, mas tratavam das questões da região, envolvendo variedades e entretenimento em muitos casos. Encaixam-se também nesses exemplos as publicações da imprensa negra e operária.

Imprensa, Cidade e Sociedade em São Paulo

Devido à mudança social trazida pela popularização da imprensa, a burguesia vê a necessidade de reforçar sua hegemonia como classe e passa a utilizar a imprensa como vitrine de seu pensamento político e social. Schwarcz (2000) analisa três diferentes jornais do período e mostra as diferenças estéticas e ideológicas desses veículos. São eles o *Correio Paulistano*, *A Província de São Paulo* e *A Redenção*. A autora observa em *A Província de São Paulo*, antecessor de *O Estado de São Paulo*, o que mais tarde



Capelato e Prado (1980) identificariam no periódico. Trata-se do papel ideológico do jornal na consolidação da República e também sua importância na legitimação do pensamento da elite paulistana. Da mesma forma, Capelato (1991) revela o perfil dúbio da imprensa, que ao mesmo tempo dizia agir como porta-voz da opinião pública, mas sem comprometer a relação com a elite dominante.

Losnak (2004) trabalha com o conceito de representações oficiais na imprensa, ou seja, na utilização dos periódicos como legitimadores do pensamento dominante. Para ele as representações oficiais criam um suporte ao imaginário popular que permite a criação de verdades universais na sociedade. Ou seja, um pensamento que parte da elite alcança a população de diversas classes e se torna um ideal compartilhado por determinada população. Rolnik (1998) defende que a existência de uma cidade é indissociável à sua natureza política, ou seja, o espaço urbano se desenvolve com a necessidade de um Estado capaz de organizar e reger seu funcionamento. Dessa forma a imprensa se desenvolve no contexto da consolidação do modelo republicano e democratização do país, funcionando como espaço ao mesmo tempo de debate e formação ideológica.

Assim como existe uma relação entre a democracia e imprensa, é também relevante a relação entre a formação das cidades modernas e o desenvolvimento dos meios de comunicação. No início do século XX, São Paulo se desenvolvia e se transformava em uma cidade grande e moderna. O estado paulista sentia necessidade de reiterar sua importância frente ao país e a imprensa funcionava no sentido de defender a supremacia paulista em relação aos outros estados do país, sua importância política e econômica e imagem de padrão nacional. Para Luca (1999) esse pensamento atribuía a São Paulo o mérito pelo desenvolvimento do país.

A questão do ideal de modernidade na cidade era recorrente nos periódicos da época. Rolnik (1999) explica que na primeira República, pós-abolição, com os ideais modernizantes e civilizatórios no Brasil, ocorreu uma mudança na organização do espaço público. No início do século XX o ideário da cidade moderna ganhou força no Brasil, ou seja, da cidade regulamentada, ordenada, disciplinada e limpa. O pensamento racional sobre o urbano começa a ser posto em prática, o período é marcado pelas primeiras tentativas de um planejamento urbano real no país, como a criação de uma Legislação urbana. Esse projeto visava à formação de um modelo de cidade padrão e era fortemente influenciado pelo padrão das cidades europeias e pelo ideal comportamental burguês.



Nos jornais é possível identificar a preocupação com a estruturação física do espaço urbano. No período em questão, o urbanismo sanitário, por exemplo, se torna um assunto prioritário dentro da organização urbana. Notícias sobre sistema de coleta de lixo, distribuição de água e esgoto e instalação de energia elétrica se tornam recorrentes. A preocupação com a salubridade das cidades está ligada não só ao ideal de cidade, mas também a uma questão econômica. Desde o 1885 o governo financiava a vinda de imigrantes para o Brasil, o que aumentava a preocupação com a morte desses trabalhadores por epidemias.

São Paulo teve um *boom* de crescimento entre os anos de 1873 e 1903, passou de uma população de 30 mil para 120 mil pessoas (ROLNICK, 1999). Devido ao aumento populacional os problemas urbanos se intensificaram e conseqüentemente as tensões entre as regiões pobres e ricas. A questão habitacional se tornou uma das principais discussões no espaço urbano. Houve a disseminação de cortiços nas áreas de baixa renda e essas regiões passaram a ser vistas como os pontos disseminadores de doenças, marginalidade e de promiscuidade. Nesse período, as zonas de convívio burguesas passaram a ser cada vez mais ligados ao doméstico, ao privado, e a vida partilhada por diversas famílias dentro dos cortiços, onde não se vê a divisão clara entre o particular e o coletivo, é considerada imoral nos padrões da elite branca.

Podemos observar que a “limpeza urbana” foi muito além de um plano de higienização e de traçado urbano. O ideal de cidade passava pelos padrões da sociedade burguesa. Surge um projeto padrão de cidade e tudo que não se encaixa no aspecto da “normalidade”, seja ela cultural, social ou econômica, passa a ser classificado como “marginal”. O jornal funcionava como divulgador dos modelos comportamentais, tanto em matérias do próprio periódico como em colunas do leitor, abordando assuntos como a imoralidade da vida coletiva nas moradias ilegais, prostituição e perturbações da vida familiar, por exemplo.

A Legislação urbana criada nesse momento é pensada a partir do ideal burguês de cidade. Em 1894, é criado o primeiro Código Estadual de Sanitarismo. Em 1886 são proibidos os Cortiços, o que apenas provocou a expansão das moradias ilegais e a expulsão dos pobres da área central. Outras medidas como a proibição do comércio e da prostituição em vias públicas demonstram a forte hierarquização do espaço. É o que Rolnik classifica como “arquitetura do isolamento”, ou seja, a convivência com o diferente passa a ser cada vez menos tolerada pela sociedade, e o espaço vai sendo



organizado de forma a segregar os diferentes e excluir o que não se encaixa nos padrões sociais.

Dessa forma, os ideais burgueses, de cidade e sociedade, são importante assuntos discutidos pela elite paulista no início do século XX, e esses debates estão representados nas matérias jornalísticas, demonstrando o pensamento dominante no período, em um momento de consolidação da República, crescimento político, econômico e urbano da cidade de São Paulo, e conseqüente expansão do território paulista para regiões ainda desabitadas do estado.

O Bauru no Oeste Paulista

É também no movimento de expansão da sociedade paulista e no processo de formação de cidades que a imprensa deixa a Capital e rumo para o interior. Em Bauru ela nasce ligada ao movimento de ocupação do oeste paulista.

Até o início do século XX Bauru era uma região pouco habitada, área de ligação entre a capital e o chamado “sertão desconhecido”, o oeste do país. Em 1850, Bauru era considerado um quarteirão de Itapetininga, com esparsos moradores. Em 1890 a Vila foi elevada ao nível de distrito de São Luis da Fortaleza, e em 1896 se torna um Município. (Bastos, 2000). A ocupação da região de Bauru se deu, inicialmente por meio dos “pioneiros”, heróis no imaginário da região. A expansão, entretanto, se deu se utilizando da apropriação de terras, em sua maioria por via ilícita, com violentos embates com os índios Caingangues, que praticamente foram dizimados nessas lutas.

Com a expansão do capitalismo e da produção cafeeira no estado de São Paulo se iniciou o movimento de expansão para o interior paulista, cidades se formaram e as ferrovias começaram a ser construídas. Em 1905 chega a Bauru os trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana e se inicia a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, partindo de Bauru e seguindo rumo ao Mato Grosso, até a fronteira com a Bolívia.

As ferrovias tiveram importância fundamental na constituição da cidade até a década de 70. Isso porque, juntamente com os trilhos chegou à região um enorme contingente de trabalhadores, primeiramente para a construção e depois para trabalhar como funcionários da ferrovia. Dentre eles chegaram a Bauru inúmeros imigrantes de origem alemã, italiana, japonesa e portuguesa. Houve o aumento do fluxo de pessoas e do mercado consumidor. Nas primeiras décadas do século XX a diversificação



econômica na cidade foi intensa, assim como o desenvolvimento urbano, com a instalação das redes de esgotos, luz elétrica, telefonia, escolas, bancos, hospitais, clubes, hotéis e lojas. Surgiram ainda o primeiro cinema, time de futebol e Clube Recreativo. A população da cidade passou de 7915, em 1900, para 19 mil, em 1907 (LOSNAK, 2008).

Assim como aconteceu em Bauru, as ferrovias forma responsáveis pelo crescimento de várias outras cidades do Oeste. Bauru vai aos poucos de tornando o pólo regional do Oeste paulista e cresce na cidade o ideal de modernidade, o desejo de crescimento acelerado. O ideário da cidade, antes focado no “pioneirismo” dos “desbravadores do sertão” agora se foca “gigantismo”.

Nesse contexto de crescimento urbano, econômico e populacional de Bauru, e da consolidação das ferrovias como meio de transporte e de comunicação, surge a imprensa na cidade. A complexização da sociedade exigia uma ferramenta de mediação comunicacional, de expressão da cultura letrada e de debate da esfera pública para a sociedade local.

O primeiro jornal a surgir na cidade foi *O Progresso de Bauru*, publicado pela primeira vez em 1905. O próprio nome do jornal já elucida o ideal de crescimento da cidade. Sua publicação durou menos de um ano e ainda não foi impresso na cidade de Bauru. No entanto, foi importante porque representava os anseios da sociedade naquele momento. A cidade se desenvolvia e crescia a necessidade de comunicação com a capital e entre os moradores locais. Losnak (2008) defende que “o veículo buscava ser entendido como expressão e divulgador desse processo que a sociedade local, em intenso movimento, vivenciava”.

A partir daí vários semanários surgiram na cidade, entre eles, *O Baurú*, *A Cidade de Bauru*, *O Tempo*, *A Gazeta de Bauru*, *O Comércio de Bauru* e *O Correio de Bauru*. (PELEGRINA E SERRA, 1987), mas tiveram vida efêmera e há poucos exemplares em arquivo histórico.

O jornal *O Baurú* foi o segundo da cidade e foi criado pelo advogado, político e comerciante Domiciano Silva, em 1906. Com publicação semanal, ele era composto por quatro páginas com as duas últimas compostas quase que inteiramente por propagandas. Essa estrutura, no entanto, é variável no início da publicação, que em muitos números apresenta publicidade na segunda página, mesclada por conteúdo na terceira e uma quarta página inteiramente de matérias jornalísticas. Inicialmente, o tamanho era 30 cm



x 41 cm, em 1912, passa para 36 cm x 52 cm. Em janeiro de 1908 ele registra o número de 800 exemplares para aquela edição⁵.

A primeira edição foi impressa no dia 16 de dezembro de 1906, mas o exemplar mais antigo no acervo existente em Bauru é a edição de número 15, de 19 de maio de 1907. Em janeiro de 1908 passou para a direção do sobrinho de Domiciano Silva, Tito Silvio Brasil, que permaneceu no cargo por menos de um semestre, voltando ao proprietário em 21 de junho do mesmo ano. Por questões políticas da cidade, o periódico foi suspenso em setembro de 1908 e voltou a ser publicado em 11 de outubro sob direção de Almerindo Cardarelli, que ocupou o cargo até o fim da existência do veículo. Pelegrina e Serra (1987) afirmam que *O Baurú* foi publicado até o ano de 1928, a última edição presente em arquivo, entretanto, é a de número 1066, do dia 21 de dezembro de 1924.

O Baurú nasce com o lema: “Um jornal destinado à luta pelo progresso da cidade” e se dizia “sem vínculos às conveniências secundárias de agremiações políticas, independente do estipêndio dos cofres públicos”. O jornal surge, portanto, em concordância com o ideal de “gigantismo” da cidade, em se tornar o pólo regional do oeste paulista, uma cidade moderna e desenvolvida. O anseio político de crescimento e dinamização do ambiente urbano que já estava presente no cotidiano da população por meio da oralidade passa agora a ser representado pela imprensa. As páginas do jornal passam a carregar a idealização das necessidades da cidade e funcionar como uma projeção dos desejos da elite, passam a fazer parte da própria construção da cidade. Losnak (2008) defende que “as folhas impressas destes jornais do interior são produtos da cidade, mas também contribuem para a própria constituição dela, orientando interpretações e leituras, contribuindo para definição de prioridades e estimulando direcionamentos”.

Na direção de Domiciano, o jornal apresentava um caráter mais elitista, as notícias tinham um foco nos anseios da elite, nos acontecimentos do centro da cidade, revelando uma maior preocupação com a infra-estrutura, como rede de telefone, esgoto, água encanada. Com Cardarelli o periódico assume um tom mais popular, descentralizando um pouco os conteúdos, denunciando as condições de trabalho precárias dos trabalhadores da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e noticiando reuniões de operários socialistas, por exemplo. Segundo Losnak (2008), entretanto, a

⁵ Com esta pesquisa está em fase inicial, abordamos as edições imprensa entre 1907 e 1910.



partir de 1912, o caráter militante da publicação foi se diluindo e o periódico voltou-se predominantemente para atender às necessidades da elite local.

As primeiras edições do jornal demonstram a falta de familiaridade de seus autores com o gênero jornalístico que começava a vicejar nas grandes cidades. O amadorismo apontado por Sodré parece ser a tônica. Nos primeiros anos, quase não há notícia e informação reportada. É possível observar nas primeiras páginas o folhetim, poemas, texto com nariz de cera, considerações filosóficas e das doutrinas políticas sobre a vida do período.

O Bauru apresenta uma estrutura jornalística típica do século XIX. Ele estava voltado para a doutrina, a ilustração, a formação do cidadão e a defesa de posicionamentos políticos. Apesar de Cardarelli possuir uma gráfica que imprimia o período e vendia serviços anunciados no próprio veículo, os recursos gráficos eram modestos e típicos de pequenos dos jornais.

A sessão denominada “noticiário” é formada por pequenas notas fornecendo informações sobre aniversários, casamentos e falecimentos, por exemplos. A publicação funciona como espaço de claras disputas pessoais, como denúncias de inadimplência e ameaças de apreensão de imóveis. Havia também a exploração das polêmicas ideológicas e intelectuais.

Apesar de tratar de alguns assuntos de relevância estadual, como a sucessão do governo de São Paulo, o periódico apresenta forte foco em assuntos locais e no desenvolvimento de Bauru e do Oeste paulista.

A linguagem, típica da época, é extremamente rebuscada e exulta aos moradores ilustres da cidade e do país. São destinadas colunas a informações sobre cidadãos que instalaram moradias com sua família na cidade, principalmente funcionários da Estrada de Ferro da Noroeste, visitas ilustres e autoridades públicas, menções às pessoas do círculo social dos redatores.

O tema da Noroeste, inclusive, é extremamente recorrente nas edições do periódico, visto a importância da Ferrovia para a formação da cidade e da região. Além das mudanças administrativas da empresa e avanços na construção são frequentemente noticiados os acidentes ocorridos na linha, desentendimentos de funcionários e algumas reivindicações deles.

A organização das páginas e a padronização dos assuntos em áreas específicas não seguem as orientações do jornalismo moderno. Os temas surgem misturados na primeira e segunda páginas. Ao mesmo tempo, o jornal apresenta um tipo de



organização da informação. Existem, por exemplo, a divisão de sessões fixas, como o já citado *Noticiário*, uma coluna social, uma coluna para o correspondente regional de Pirajuí, que aborda assuntos de relevância para as duas cidades como a construção de uma rodovia interligando-as. Existe ainda um espaço destinado a crônicas, que trata usualmente de assuntos do cotidiano da cidade, e espaço para divulgação de informações oficiais, como sessões da Câmara Municipal e Editais da Prefeitura.

O espaço de carta dos leitores, a chamada “Sessão Livre”, está presente no jornal desde o início. Apesar de tratar bastante de intrigas pessoais, daquilo que poderíamos considerar de pouca relevância jornalística, essa coluna fornece importantes informações sobre o ideal de cidade e sociedade da população bauruense do período e das deficiências apresentadas pela urbe. Nos textos é possível identificar o anseio de modernização da cidade no imaginário popular.

Com aponta Rolnik (1999), a questão da ordem, da limpeza, do sanitarismo, e de uma legislação urbana que sane os problemas organizacionais e comportamentais da cidade estão ligados ao ideal de cidade moderna, estruturada dentro dos padrões burgueses modernos. Podemos identificar essas características dentro do jornal por meio de notícias sobre a ineficácia dos serviços na cidade, tais como dos correios, abordada em mais de uma sessão do jornal e da falta de cemitério na localidade, por exemplo. Ainda a questão da moralidade e dos valores sociais é bastante recorrente, como menção a atitudes condenáveis de mulheres que se prostituem, algazarra de crianças nas ruas e barulho noturno que incomodava os habitantes. Essas críticas reforçam a preocupação com a ordem e controle dos comportamentos na cidade para que essa atinja às expectativas da população para Bauru que se modernizava.

Durante suas duas décadas de existência, o jornal dialogou ativamente com as publicações mais efêmeras da cidade, em caráter de concordância ou enfrentamento. O longo período de duração do periódico nos permitirá, em outro texto, identificar as mudanças estéticas, ideológicas e na própria construção do jornalismo como atividade. O jornal começou sua publicação em uma fase em que o jornalismo no estado de São Paulo ainda estava se estruturando, muito próximo do amadorismo, com poucos recursos técnicos e delimitação de estilo próprio.

O *Baurú* acompanhou a fase de crescimento urbano e econômico da cidade, portanto além do desenvolvimento jornalístico podemos também observar as transformações pelas quais a própria cidade passou. As mudanças políticas, culturais e econômicas, na medida em que as atividades comerciais se diversificam, a cidade se



dinamiza e os anseios da população para a cidade se modificam. E as páginas impressas do *O Bauru* registravam e expressavam essas transformações.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G.T. de. **A imprensa no interior: um estudo preliminar**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado; Arquivo do Estado, 1983.
- BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**. História da Imprensa brasileira, v.1. São Paulo: Ática, 1990.
- BAKHTIN, MIKHAIL. Estudos das ideologias e filosofia da linguagem. A relação entre a infraestrutura e as superestruturas. In: *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 11. Ed. São Paulo: Hucitec, 2004. p. 31-47
- BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa**. Brasil- 1900-200. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BASTOS, I. A. **Sertão noroeste: o poder municipal na República Velha**. Bauru: Edipro, 2000.
- BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Rio Grande do Sul: Editora Sulina, 1980.
- BRESCIANI, M. S. M. Brasil: liberalismo, republicanismo e cidadania. In: CAMILLOTI V. C., NAXARA, M. R. C., SILVA F. T. da (Orgs). **República, liberalismo e Cidadania**.
- BRESCIANI, M. S. M. As Sete Portas da Cidade. **Espaço e Debates**, n. 34. 1991. P 10-15
- BRESCIANI, M. S. M. **História e Historiografia das Cidades**, um percurso. In: FREITAS, M. C. de. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: contexto 1998.
- CAPELATO, M. H.; PRADO, M. L. **O Bravo Matutino**. Imprensa e ideologia: o jornal O Estado de São Paulo. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.
- CAPELATO, M. H. **O controle da Opinião e os Limites da Liberdade imprensa paulista (1920- 1945)**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v.12, n23/24, p.55-75, set. 91/ago. 92..
- CAPELATO, M. H. Imprensa na República: uma instituição pública e privada. In: Camilotti, V. C.; NAXARA, M. R. C., SILVA, F. T. da. **República, Liberalismo, Cidadania**. Piracicaba: Editora Unimep, 2003. p. 139-150.
- COSTA, C. **Pena de Aluguel**. Escritores jornalistas no Brasil 1904-2004. São Paulo: Editora Cia das Letras, 2005.
- CRUZ, H. F. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana- 1890-1915**. São Paulo: EDUC; FAPESP; Arquivo do Estado de São Paulo; Imprensa Oficial SP, 2000.
- DARNTON, R. Jornalismo: toda notícia que couber, a gente publica. In: **o Beijo de Lamourette**. Mídia, Cultura e Revolução. São Paulo: Companhia das Letras. 1995, p.70-97.



- GOBBI, T. **Cidade, Sociedade e Imprensa no Diário da Noroeste**. Relatório de Iniciação Científica, Fapesp, 2010.
- HOHLFELD, A.; MARTINO, L.C., FRANÇA, V. V. **Teorias da Comunicação**. Conceitos, escolas, tendências. 2. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.
- LAGE, N. **Entrevista: teoria e técnica de entrevista e produção jornalística**. São Paulo: Editora Record, 2001.
- LOPES D. F.; SOBRINHO, J. C.; PROENÇA, J. L. (Orgs) **A evolução do jornalismo em São Paulo**. 2 ed. São Paulo: EDICON; ECA-USP, 1998.
- LOSNAK, C. J. **Polifonia Urbana: Imagens e representações**. Bauru: Edusc, 2004.
- LOSNAK, C. J. Obras impressas: um recorte do pensamento das elites paulistas das primeiras décadas do século XX. In: COELHO, J. G.; VICENTE, Maximiliano Mantin. (Orgs.). **Pensamento e Linguagem: subjetividade, comunicação e arte**. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008, v.1. p. 235-254.
- LOSNAK, C. J. **Ferrovia e Imprensa: uma chave de leitura da produção impressa no tempo das ferrovias**. In: LOSNAK, C. J.; VICENTE, M. M. (Org.). Imprensa e sociedade brasileira. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 225-244.
- LUCA, Tânia Regina de; MARTINS, Ana Luiza (Orgs.) **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- LUCA, T. R. de. **A Revista do Brasil: Um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- MEDINA, C. **Notícia: um produto a venda**. São Paulo: Editora Summus, 1998.
- MELO, J. M. de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis. Vozes, 2003
- PELEGRINA, G. R.; SERRA, N. do N. **Imprensa, um poder sempre vigilante**. Encarte do Jornal da Cidade. 04/10/87
- RIBEIRO, A. P. G. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: Editora E-pepper, 2007.
- RIBEIRO, J. C. **Sempre Alerta**. Condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo: Editora brasiliense. 1994.
- RODRIGUES, M. E. de O. R. **A Imprensa em Lins: temas da cidade e do urbano em O Progresso, 1925-1927 e O Linense, 1928-1929**. Relatório de Iniciação Científica, Fapesp, 2008.
- ROLNICK, R. **A Cidade e a Lei**. Legislação, Política Urbana e Territórios na cidade de São Paulo. 2. Ed. São Paulo: Studio Nobel/ Fapesp 1999
- ROLNICK, R. **O que é cidade**. São Paulo. Editora Brasiliense. 1998
- SCHWARCZ, L. M. **Retrato em Branco e Negro**. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XX. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.



SODRÉ, N. W. **A História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1983.

SOUSA, J. P. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Editora Argos; Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

SOUSA, J. P. **Construindo uma teoria do jornalismo**, 2002. (www.bocc.ubi.pt/)

SOUSA, J. P. **Por que as notícias são como são?** Construindo uma teoria da notícia, 2002. (www.bocc.ubi.pt/)

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**, porque as notícias são como são. V.1. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Ed. Presença, 2006.